

BERND, Zilá. *Por uma estética dos vestígios memoriais: releitura da literatura contemporânea das Américas a partir dos rastros*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2013. 196p.

Anna Faedrich¹

Fruto de uma reconhecida trajetória intelectual da professora Dr^a. Zilá Bernd, *Por uma estética dos vestígios memoriais* (2013) é, desde já, leitura indispensável para todos pesquisadores e interessados nas questões relativas à memória e identidade, nas relações entre literatura e história; bem como nos movimentos de reconstrução do passado. A obra traz uma proposta original de releitura e de reescrita do passado, através da busca de vestígios, contribuindo para as reflexões históricas e para os estudos literários latino-americanos. O título da obra é, por si só, bastante instigante, na medida em que sugere uma nova forma de leitura e de compreensão do passado, isto é, uma nova estética, trazendo à tona a complexidade da memória. Para a autora, esse movimento ajuda-nos a “melhor entender o presente e, em consequência, nosso próprio estar no mundo e nosso processo contínuo de construção identitária” (p. 17).

Bernd anuncia o teor de sua obra ensaística através da epígrafe convidativa de Norberto Bobbio: “Dizemos: afinal, somos aquilo que pensamos, amamos e realizamos. E eu acrescentaria: somos aquilo que lembramos”. Sendo assim, se somos também aquilo que lembramos, a memória ganha destaque nos ensaios produzidos pela estudiosa, entre os anos de 2010 e 2013, que refletem sobre as teorias da memória, sobre a importância do passado e sobre “o impacto dos vestígios na constituição do tecido literário contemporâneo das Américas” (p. 19).

O prefácio realizado pelo professor Dr. Jaime Ginzburg (USP) chama a nossa atenção para a importância da publicação desta coletânea de ensaios críticos nos tempos atuais. Ginzburg considera *Por uma estética dos vestígios memoriais* uma obra de peso, que consegue enfrentar o desafio que é lidar com a complexidade da contemporaneidade. Para ele, “trata-se de um trabalho que chega em um momento oportuno” (p. 12) e “cumprido com louvor o papel de instigar novas ideias e sugerir mudanças” (p. 15).

¹ Professora Substituta de Literatura Brasileira da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Pós-doutoranda em Letras – Estudos de Literatura na Universidade Federal Fluminense (UFF), sob supervisão da Prof^a. Dr^a. Eurídice Figueiredo.

O livro está dividido em duas partes. A primeira dedica-se às teorias da memória e está subdividida em dois capítulos. Em “Estratégias memoriais na sociedade contemporânea”, primeiro capítulo, esclarece-se a concepção de memória da qual a autora parte: memória como processo. Bernd problematiza a oposição binária entre memória e esquecimento, considerando o esquecimento uma necessidade operacional da memória. Para embasar seu argumento, a autora cita como exemplo o clássico “Funes, o memorioso”, conto de Jorge Luis Borges. Para Bernd, Walter Benjamin é referência fundamental nos estudos da Memória, cujo mérito foi o de ensinar a importância do resgate dos vestígios do passado para iluminar o presente. A autora faz um levantamento das principais teorias da memória para o estudo de literatura e história, memória social e patrimônio, destacando referências obrigatórias como Maurice Halbwachs (1877-1945), por conta da noção de memória coletiva e do início da sociologia da memória; Paul Ricoeur (1913-2005), principalmente por sua obra monumental *A memória, a história e o esquecimento*; e Pierre Nora (1931-), por conta do conceito de “lugares de memória” (materiais, simbólicos e funcionais), que mostra a nossa vontade de memória e necessidade de criar arquivos, escrever atas; também os cemitérios, os museus, as festas, os aniversários são lugares de memória. Neste capítulo, sobressai também a referência à pesquisadora brasileira integrante da equipe da Unirio, Jô Gondar, que reelabora criticamente a tradição do pensamento francês; e, ainda, o conceito de pós-memória, que é “a memória da geração seguinte àquela que protagonizou os acontecimentos” (p. 42).

Em “Vestígios memoriais: fecundando as literaturas das Américas”, capítulo seguinte, predomina a ideia de que “só a literatura pode penetrar nas falhas e desvios da história e da memória” (p. 47). Bernd explica que a “estética dos vestígios” se interessa em flagrar nos textos ficcionais o “tempo do esquecimento”, mas também o silêncio e o ocultamento na própria literatura em determinados períodos. É interessante a noção de “nós de memória”, de Gérard Bouchard, que consiste na recusa de rememorar “memórias vergonhosas”. Outro conceito importante trabalhado neste capítulo é o de vestígio (trace, em francês), também visto como restos, pistas. A autora observa que o conceito derridiano de trace (“o simulacro de uma presença que se desloca”, p. 50) foi retomado por diversos teóricos, como Édouard Glissant, Carlo Ginzburg e Paul Ricoeur. Para Bernd, os vestígios são o que sobram da relação dialética memória/esquecimento, são os fragmentos do vivido, jamais recuperados na sua integralidade. A autora finaliza o ensaio afirmando que “se nossa memória é um receptáculo de resíduos memoriais, a literatura também o é”. Dessa forma, anuncia a segunda parte do livro, que privilegia o trabalho com as obras literárias, concatenando os capítulos

organizados de maneira coerente e contínua, mesmo que, num primeiro momento de criação, interdependentes.

A segunda parte do livro, intitulada “(Re)leituras de expressões poéticas e ficcionais a partir dos rastros”, busca reinterpretar obras da literatura brasileira e literaturas americanas a partir de seus rastros. Dividida em dois blocos, um dedicado à literatura brasileira e outro à literatura nas Américas. O primeiro bloco – “Na literatura brasileira” – contém quatro ensaios críticos. No primeiro ensaio, a autora dedica-se à poética afro-brasileira, analisando especialmente três poetisas – Leda Maria Martins, Conceição Evaristo e Ana Cruz – a fim de resgatar imaginários de herança africana, memória social e os efeitos da memória transatlântica. Bernd destaca, ainda, uma tendência ao enraizamento identitário nas décadas de 1980-2000, cuja poética “alicerça-se na afirmação identitária a partir da recuperação de resíduos memoriais que podem unir a comunidade negra em sua luta contra preconceitos” (p. 62); e uma tendência ao enraizamento dinâmico ou relacional (rizomático), nas décadas de 2000 a 2010, baseada no conceito de Michel Maffesoli de *enracinement dynamique* (*Sobre o Nomadismo: vagabundagens pós-modernas*, 2001), ou seja, um conceito derivado de uma dialética paradoxal (errância e sedentarismo), cujo processo identitário é sempre contínuo, tal como “um nômade de identidades” (Maffesoli, 2001, p. 90). No ensaio seguinte, “Figuras na sombra: personagens de Luiz Antonio de Assis Brasil habitando a distância e o esquecimento”, a autora destaca duas obras de Assis Brasil, *O breviário das terras do Brasil* (1997) e *Figuras na sombra* (2012), cujo enfoque dado é as figuras à margem, mostrando que as figuras opacas, na sombra, constituem a temática recorrente na produção literária do autor gaúcho. Bernd observa que Assis Brasil reconstitui períodos da História do Brasil a partir de vestígios; no caso de *O breviário*, a partir de marcas deixadas pelos guaranis; e no caso de *Figuras na Sombra*, o autor privilegia o ponto de vista de Aimé Bonpland, que ficou à sombra de Humboldt, junto a inúmeras figuras ausentes da memória social da coletividade em que viveram. “Em busca dos rastros perdidos da memória ancestral – um estudo de *Um defeito de cor*, de Ana Maria Gonçalves”, terceiro ensaio, surge da constatação de Bernd do aumento da produção poética feminina afro-brasileira nos últimos 20 anos, em que a história do negro nas Américas é contada a partir do ponto de vista da mulher, sendo raras as manifestações em prosa. Ana Maria Gonçalves é considerada pela estudiosa como a pioneira do gênero “romanfleuve” (romance-rio) ou saga no panorama da literatura negra, com a publicação de seu romance de 950 páginas *Um defeito de cor* (2010). Nesta obra, a protagonista escreve cartas dirigidas ao filho ilegalmente vendido como escravo pelo próprio pai, de onde tira forças para

superar as adversidades e rememora a história do negro no Brasil e a sua história familiar. Segundo Bernd, a obra de Ana Maria Gonçalves apresenta todos os atributos do fazer poético das autoras mulheres da literatura afro-brasileira atual: 1) rastreamento dos “guardados da memória” através dos traços; 2) enraizamento dinâmico; e 3) tendência ao resgate da memória transatlântica. O último ensaio deste primeiro bloco dedica-se à leitura da obra *Uma ponte para Terebin*, de Letícia Wierzchowski, pioneira na representação literária do percurso migratório no Rio Grande do Sul, a partir dos rastros de memória da imigração polonesa. Esta obra, assim como as obras vistas anteriormente, resgata elementos que a historiografia oficial ignorou: “Sabemos que, muitas vezes, é o que está na margem, naquilo com quem ninguém se preocupa e que foi relegado ao esquecimento, que podem estar elementos reveladores para a história cultural e/ou para a história das sensibilidades” (p. 117). Encontraremos ainda a leitura interessante de *Cristal Polonês* (2003) e *Os Getka* (2010).

O segundo bloco, “Nas Américas”, é composto também por quatro ensaios. O primeiro ensaio é dedicado ao estudo de três autoras, uma delas já trabalhada no bloco anterior, – a brasileira Ana Maria Gonçalves, a chilena Isabel Allende e a antilhana Maryse Condé –, que recompõem a história da escravidão sob o ponto de vista feminino. A leitura perspicaz de Bernd permite-nos repensar o domínio da perspectiva masculina no universo da historiografia, recuperar a “palavra sequestrada” para reescrever a história, nestes casos a da escravidão, e avaliar a qualidade literária dos três romances apresentados e analisados pela estudiosa. O ensaio seguinte, “Ler as literaturas da migração a partir de vestígios memoriais”, começa apresentando diferentes termos para nomear “as literaturas que se constroem tendo por base dois horizontes culturais diferentes: o do país de origem dos migrantes e o do país de chegada, o Canadá” (p. 145). Entre esses termos estão “literatura migrante”, “literaturas transnacionais” e “mobilidade migratória transcultural”. Bernd retoma o conceito de enraizamento dinâmico para analisar três autores da migração: Marie Célie Agnant, Dany Laferrière e Stanley Péan. O terceiro ensaio intitulado “A ficção contemporânea do Quebec como memória e como horizonte cultural” aborda dois romances de autores contemporâneos da literatura em língua francesa do Quebec, *Nós todos descobrimos a América* (1999), de Francine Noël, e *Amerika* (2012), de Sergio Kokis. Em ambas as obras, os autores ressignificam o presente a partir da memória. A escrita de Kokis é instigante, oscila entre passado e presente, país de origem e país de residência; a literatura migrante é peculiar ao autor, que nasceu no Brasil e imigrou para o Canadá ainda jovem. “A Revolução Tranquila e as mobilidades políticas e culturais no Quebec” é o ensaio multidisciplinar que encerra *Por*

uma estética dos vestígios memoriais, mostrando a história de Quebec – de Nouvelle France a Canada Français, de Canada Français a Quebec; da província à nação; e sua dupla colonização. Bernd observa que é através da Revolução Tranquila (movimento de migração de valores e afirmação identitária), nesta contradição (um revolução por definição não pode ser tranquila), que a identidade quebequense cria suas raízes. Neste capítulo, desfrutamos da poesia engajada e migrante de Gaston Miron; do filme C.R.A.Z.Y (2005), de Jean-Marc Vallée; da música e de outros símbolos da “beat generation”.

Por fim, Zilá Bernd disponibiliza uma vasta e qualificada bibliografia sobre Memória social, vestígios e rastros, deixando uma base segura para quem desejar investir no aprofundamento teórico-crítico-literário no tema.

Assim como a memória é um vasto campo interdisciplinar, a obra ensaística de Zilá Bernd supera o mero interesse literário e traz uma discussão teórico-crítica de amplo alcance, podendo interessar diferentes áreas de estudo, tais como a História, Psicanálise, Antropologia, Museologia, Psicologia, Semiótica, Sociologia e Análise do Discurso. *Por uma estética dos vestígios memoriais* também é repleto de recomendações de leituras e reflexões críticas sobre o cânone das teorias de memória, mérito que só pode ser atingido através de uma longa e notável trajetória de pesquisa e de produção acadêmica.